



Universidade de Brasília  
Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Psicologia – IP  
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED  
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde – PGPDS

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,  
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB**

**O ALUNO SURDO O PROFESSOR E O INTÉRPRETE NO ENSINO  
REGULAR**

**CRISTIANE MOROSOV**

**ORIENTADORA: Msc:LUCIA DE CARVALHO BRANDÃO**

**BRASÍLIA/2015**



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

**CRISTIANE MOROSOV**

**O ALUNO SURDO O PROFESSOR E O INTÉRPRETE NO ENSINO  
REGULAR**

Monografia apresentada ao Curso de  
Especialização em Desenvolvimento Humano,  
Educação e Inclusão Escolar, do Departamento  
de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento  
Humano – PED/IP – UnB/UAB.

Orientador (a)Msc: Lucia de Carvalho Brandão

BRASÍLIA/2015

**TERMO DE APROVAÇÃO**

CRISTIANE MOROSOV

**O ALUNO SURDO E O PAPEL DO PROFESSOR INTÉRPRETE NO  
ENSINO REGULAR**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB/UAB. Apresentação ocorrida em \_\_\_/\_\_\_/2015.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

---

PROFESSORA MSC: LÚCIA CARVALHO BRANDÃO

---

PATRICIA CAMPOS RAMOS

---

CRISTIANE MOROSOV

BRASÍLIA/2015

## DEDICATÓRIA

*Dedico esse trabalho a todos os  
alunos com - deficiência,  
principalmente aqueles que falam  
com as mãos e ouvem com os  
olhos.*

## **AGRADECIMENTOS**

Acima de tudo agradeço a Deus, origem, razão e fim de todas as coisas, e cujo propósito impenetrável tornam minha existência um contínuo caminho de descoberta e aprendizado, por ter me dado forças, sabedoria e um caminho a ser cumprido.

À minha família, pelos momentos difíceis da minha vida, onde me apoiaram e me deram forças para continuar essa longa estrada.

## RESUMO

A monografia tem por objetivo analisar o aluno surdo no ensino regular e o professor intérprete. Discutimos as dificuldades encontradas perante o aluno surdo a comunicação ou a LIBRAS. Utilizamos a pesquisa bibliográfica e de campo, com intuito de focar e analisar quais as principais necessidades do ensino regular para alcançar a aprendizagem desse aluno, considerando o aspecto principal à formação do intérprete e do professor. É preciso criar uma forma de expressar uma interação acessível entre surdos e todos que participam deste processo. Os dados foram obtidos por meio de observação e entrevista com a diretora da escola, onde o caso foi observado. Com base na entrevista constatamos a importância do intérprete perante o aluno surdo. Após a análise foi possível notar que quando o professor intérprete e regente atuam juntos, como co docentes, beneficiam muito o processo de ensino e aprendizagem.

**Palavra Chave:** Aluno Surdo, Intérprete e Professor.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	14
1 APRESENTAÇÃO.....	18
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
2.1 A história da surdez e da língua de Sinais.....	20
2.2 As dificuldades de encontrar profissionais na área da surdez .....	21
2.3 O papel do professor perante o aluno surdo.....	23
2.4 O trabalho do Interprete na sala de aula.....	24
3 OBJETIVOS.....	26
3.1 Objetivo Geral.....	26
3.2 Objetivo Específico.....	26
4 METODOLOGIA.....	27
4.1 - Fundamentação Teórica da Metodologica.....	27
4.2- Contexto da Pesquisa.....	27
4.3- Participantes.....	27
4.4 – Materiais.....	27
4.5- Instrumentos de Construção de Dados.....	27
4.6- Procedimentos de Construção de Dados.....	27
4.7- Procedimentos de Análise de Dados.....	28
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	34

**APÊNDICES**

A- Questionário.....	35
----------------------	----



**ANEXOS**

A - Carta de Apresentação – Escola.....	36
B - Aceite Institucional.....	37
C-Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor.....	38

## 1- APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo abordar a Língua de Sinais (LIBRAS). Com intuito de contextualizar a história dessa linguagem, que hoje é considerada de fundamental importância para o aluno surdo.

Antigamente os surdos eram considerados pessoas incapazes de viver nas sociedades. Hoje diferentes iniciativas têm trazido a questão da inclusão para surdos como um tema muito discutível, com muitas falhas, mas que, indubitavelmente, tem trazido consequências benéficas, tais como a aproximação da comunidade surda da comunidade ouvinte e o interesse por parte dos ouvintes de aprenderem a língua de sinais.

A ideia de que as pessoas surdas poderiam receber uma educação escolar só foi compreendida pela sociedade tardiamente, pois ocorreu de forma lenta e gradual.

Sabemos que o ensino em língua de sinais, por si só, não garante uma inclusão satisfatória, até porque muitos intérpretes não dominam a língua de sinais (um dos motivos que não encontramos nas redes), o que dificulta a compreensão das aulas e a participação nas mesmas. As atitudes de professores para a promoção da inclusão nem sempre têm sido bem sucedidas por uma série de motivos, é um deles falta de capacitação dos professores e por ser uma língua nova, a qual poucos dominam e conhecem como citado acima. Para Salles:

A formação de professores deverá desenvolver-se em ambiente acadêmico e institucional especializado, promovendo-se a investigação dos problemas dessa modalidade de educação, buscando-se oferecer soluções teoricamente fundamentadas e socialmente contextualizadas. Devem ser utilizados métodos e técnicas que contemplam códigos e linguagens apropriados as situações específicas de aprendizagem, incluindo-se, no caso de surdez, a capacitação em língua portuguesa e em língua de sinais. Nos casos de cegueira, a capacitação no código Braille, nos casos de surdo-cegueira, a capacitação para o uso de língua de sinais digital. (SALLES, 2007.p 60)

O respeito à língua de sinais deve prevalecer para que o sujeito se torne efetivamente bilíngue, podendo transitar com mais facilidade e fluência entre as duas culturas e as duas línguas, a portuguesa e a de sinais. Os métodos orais, apesar de toda sua engenhosidade e técnica, são importantes para oralizar o surdo, mas não para conduzir a uma “linguagem viva”.( VYGOSTSY,1989).

Esse trabalho será organizado em seis capítulos, sendo que o segundo capítulo começa com a fundamentação teórica será organizado na seguinte maneira: A história da surdez e da língua de sinais, As dificuldades de encontrar profissionais na área da

surdez, O papel do professor perante o aluno surdo, O trabalho do intérprete na sala de aula. O terceiro capítulo está apresentando os objetivos de estudos, no quarto capítulo será apresentada a metodologia e análise de dados, no quinto capítulo estarão organizado em resultados e discussão dos estudos e no sexto capítulo as considerações finais seguindo a referências bibliográficas utilizadas.

## 2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 A história da surdez e da língua de sinais

De acordo com Guarinello (2007) a história da educação de surdos passou por mudanças profundas com o início do uso da língua de sinais no processo de ensino. Isso acontece porque muitos de seus métodos foram registrados e citados como exemplo para a educação de surdos e alguns desses métodos perduram até hoje.

Segundo Guarinello (2007) Antigamente a surdez era consequentemente confundida com inferioridade de inteligência, é até o século XV foi vista como sinônimo de primitividade. Ainda Guarinello no século XV não existiam escolas especializadas para surdos e eram pessoas ouvintes que os ensinavam. Na Itália, Giralamo Cardamo utilizava sinais e língua escrita. Na Espanha, Pedro Ponce de Leon (1520-1584), monge beneditino, dava aulas a quatro surdos membros de uma família aristocrática, utilizando treinamento de voz, leitura labial, além dos sinais. Iniciava sua instrução com a leitura e a escrita, incorporando posteriormente a fala e o alfabeto manual (datilológico).

No século XVII Juan Pablo Bonet, valorizava os surdos através do método misto, através do treinamento da fala e no uso do alfabeto manual. Sua teoria e pratica deu tão certo que ela foi valorizada e publicada pela primeira vez 1620 no livro de Bonet. “ Redução das Letras e Arte para Ensinar a Falar aos mudos”.

Na França, foi fundada a primeira escola de crianças surdas em 1770 pelo abade Michel de l’Epée (1712-1789).De acordo com Guarinello (2007) o estudioso aprendeu e compreendeu a língua de sinais com os surdos de rua, pois ia todos os dias para aprender um pouquinho com eles depois disso criou os *sinais metódicos*, uma combinação dos sinais com a gramática francesa, com o objetivo de ensiná-los a ler e escrever, possibilitando o acesso à educação e à cultura a centenas de crianças surdas.

Entre os anos de 1723 -1790, Samuel Heinicke criou na Alemanha a primeira escola pública, baseado no método oral, frequentado por nove alunos. No início do século XVIII, houve uma briga entre os educadores que defendiam uma educação oralista que começaram a valorizar o ensino da língua oral e da língua escritas e gestos, que levaram caminhos totalmente diferentes, nesse mesmo período houve também um grande aumento de escolas e os professores surdos começaram a trabalhar com a língua

de sinais. Contudo a visão médica começou a criar força quando o governo francês pago Jean Marc Gaspard Itard, que também era Frances para educar o menino de Aueyron, no início do século XVIII, ele relatou que pela fala e restauração da audição o surdo poderia ser educado.

Entre 1815-1816, Thomas Hopkins Gallaudet sai dos Estados Unidos e visita escolas de surdos em catorze países, observou que o método utilizado estava dando certo. Vai a Paris para aprender o método manual usado por um ex-aluno de l'Épée e leva o professor surdo para os Estados Unidos. Gallaudet descobre que as escolas que utilizavam língua de sinais tinham resultados tão bons quanto às escolas orais no que se referia à articulação da fala, mas obtinham resultados melhores na educação geral. De acordo com Guarinello O reconhecimento de Bell defensor da escola oral tomou uma proporção tão grande na educação dos surdos, em Milão em 1880 onde Bell estava presente. Para Guarinello os professores surdos foram excluídos da votação, pois relatou que a língua de sinais destruíra a capacidade de fala das crianças surdas. O oralismo venceu e o uso de sinais em escolas foi oficialmente proibido.

Por meio dessa breve revisão histórica, percebe-se que as concepções de surdez e de pessoa surda passaram por algumas mudanças, desde o modelo clínico médico da surdez, que considera o surdo um ser incapaz e “doente”, até o modelo que o considera um membro da comunidade linguística minoritária, que usa a língua de sinais. (Guarinello, 2007. pg34)

Em 26 de setembro de 1857, chegava ao Brasil a língua dos sinais, onde foi criada na cidade de Rio de Janeiro a primeira escola para os surdos e mudos, que é o INES o Instituto de Surdo e Mudo, por D. Pedro II. Lá teve o primeiro Professor Surdo no Brasil que era o Eduard Huet, educador francês com surdez congênita. Ele retornou ao Brasil para explicar que a Língua de Sinais Brasileira e parecida com a Língua de Sinais francesa.

Iniciou seu trabalho com duas crianças sendo um menino e uma menina com idade de 7 a 10 anos, o método que utilizava deu tão certo que em 1857, os outros sete alunos que estudavam na instituição fizeram exame público assistido por ele.

Finalizando o texto podemos observar que a educação de surdos gera grandes conflitos por profissionais da área, pois por muitos anos criticaram a maneira de como os surdos eram ensinados.

## **2.2 - As dificuldades de encontrar profissionais na área da surdez**

Estamos numa época em que ainda há um desconhecimento da surdez, por parte de alguns professores, o que causa algumas consequências no ensino aprendizagem. Ressalta-se que, de acordo Lacerda (2000), a presença do intérprete em sala de aula e o uso da língua de sinais não garantem que as condições específicas da surdez sejam contempladas e respeitadas nas atividades pedagógicas. Se a escola não tiver um conhecimento sobre as metodologias utilizadas e o currículo proposto, as metodologias utilizadas pelo professor podem ser bastante inacessíveis ao aluno surdo. Apesar da presença do intérprete, é importante que o professor da sala regular conheça, também, a língua de sinais, para observar se o intérprete está passando certo os sinais e os conteúdos transmitidos, para que a responsabilidade não seja somente para o intérprete com o aluno surdo, pois o aluno é dos dois. Outro conceito que impede o rendimento do aluno surdo é que muitas vezes o intérprete não tem conhecimento sobre a língua de sinais, e isso dificulta e prejudica o aluno.

O maior desafio, entre todos, é tentar ensinar a criança surda na sala regular, pois, além deles trazerem sua língua (L1) que é a língua de sinais; eles têm que compreender a Língua Portuguesa (L2), que é a segunda língua a ser ensinada de forma eficaz, para serem entendidas por eles como membros usuário de duas línguas, já que as metodologias utilizadas para os alunos são as mesmas. Entretanto, os ensinamentos da língua portuguesa para os dois grupos são diferentes (um grupo utiliza o verbo e para o outro grupo não é necessária a utilização do verbo), por isso, a necessidade do intérprete educacional em sala de aula.

Segundo Kelman (2008), dentre as causas das dificuldades vividas pelos alunos surdos, em classes inclusivas, encontram-se a falta de recursos pedagógicos adaptados, o que prejudica o processo de ensino-aprendizagem. Ela deve ser muito utilizada, pois associar o conteúdo acadêmico com material visual ou demonstrações através de recursos cinestésicos (movimentos do corpo) facilita na construção de significados. Atualmente, ainda em muitas escolas, por não terem conhecimento sobre a necessidade de materiais para o aluno surdo, falta conhecimento, o que causa dificuldade na aprendizagem, mesmo que o intérprete esteja junto da sala de aula até o mesmo não tendo conhecimento.

Kelman (2008) relata a importância e a falta da participação de familiares em parceria com os professores e intérpretes educacionais. E esta interação é fundamental, pois os pais podem orientar os professores e intérpretes. Segundo a autora, ainda não é incomum ouvir o relato de professores que têm aluno surdo em sua sala, e não ter tido

nenhuma orientação de como deve proceder para facilitar a comunicação e compreensão do seu aluno. Essa falta de comunicação causa dificuldade no processo de ensino aprendizagem, que tanto precisa ser compreendido pelos professores. Algumas famílias, hoje, ainda sentem medo de expor seus filhos perante a sociedade, e esse medo muitas vezes causa desconforto para a criança.

### **2.3 O papel do professor perante o aluno surdo**

O aluno surdo no ensino regular é um assunto inquietante para todos, principalmente para os professores que trabalham com eles. As dificuldades que impõe de comunicação e por suas limitações de oralidade. Carvalho (2007) As propostas educacionais para o sujeito surdo têm como objetivo proporcionar um o desenvolvimento pleno perante suas capacidades. Portanto não é isso que acontece na prática dos professores, alguns se sentem inseguros quando estão ao lado do aluno surdo, ainda mais quando o intérprete não está ao lado, por isso que alguns desses sujeitos não conseguem ler e escrever satisfatoriamente e ter um domínio adequado dos conteúdos acadêmicos.

Observa também os despreparo dos professores, a falta de conhecimento perante a surdez e a língua de sinais, alguns professores sentem-se medo e não se interessam por essa língua.

Foi comprovada a incapacidade da escola para educar o surdo nos moldes convencionais, devido a sua vocação pra a permanência dos processos pedagógicos, sendo constatado que a Libras é o recurso inicial necessário pra a verdadeira emancipação dos surdos e sua inclusão tanto escolar quanto social (Carvalho 2007, p.33).

Diante da afirmação de Carvalho (2007), fica evidente a importância da capacitação do professor regente em libras, pois ele irá medir conhecimento para seu aluno surdo no ensino regular, para que a inclusão aconteça de fato.

De acordo com a leitura o aluno surdo tem que estar interagindo culturalmente em primeira plano e em segundo plano linguisticamente, isso não acontecer, o aluno surdo continuara vivendo privações por falta de comunicação ao ensino oralista, ou por falta do domínio de uma linguagem gestual-visual em Libras.

Para finalizar a libras permite ao aluno surdo uma comunicação diferente, que deve ser respeitada e uma língua legalmente reconhecida, pois poucos surdos utilizam.

Cabe a escola e seus professores compreender e constituir o elemento identificatório dos surdos.

#### **2.4 - O Trabalho do Intérprete na sala de aula**

De acordo com Quadros (2007), O intérprete está completamente envolvido na interação comunicativa (social e cultural) com poder completo para influenciar o objeto e o produto da interpretação. Ele processa a informação dada na língua fonte e faz escolhas lexicais, estruturais, semântica e pragmática na língua alvo que devem se aproximar o mais apropriadamente possível da informação dada na língua fonte. Assim sendo, o intérprete também precisa ter conhecimento técnico para que suas escolhas sejam apropriadas tecnicamente. Portanto, o ato de interpretar envolve processos altamente complexos.

Segundo Quadros (2007) o intérprete tem que dominar a língua de sinais e a língua falada do país que é qualificado para desempenhar a função de intérprete. No Brasil, o intérprete deve dominar a língua brasileira de sinais e língua e língua portuguesa, além do domínio das línguas envolvidas no processo de tradução e interpretação, o profissional precisa ter qualificação específica para atuar como o tal. Isso significa ter domínio dos processos, dos modelos, das estratégias e técnicas de tradução e interpretação. O profissional intérprete também deve ter formação específica na área de sua atuação, por exemplo, a área da educação.

Muitas vezes, o papel do intérprete em sala de aula acaba sendo confundido com o papel do professor. Os alunos dirigem questões diretamente ao intérprete, comentam e travam discussões em relação aos tópicos abordados com o intérprete e não com o professor. O próprio professor delega ao intérprete a responsabilidade de assumir o ensino dos conteúdos desenvolvidos em aula ao intérprete. Muitas vezes, o professor consulta o intérprete a respeito do desenvolvimento do aluno surdo, como sendo ele a pessoa mais indicada a dar um parecer a respeito. O intérprete por sua vez está sendo confundido dentro do processo educacional e na sua atuação como profissional de tradutor de línguas. (QUADROS, 2007, pg-60).

Diante da afirmação do Quadros (2007) essas dificuldades tem levado algumas experiências à criação de um código de ética específico para intérpretes de língua de sinais é permitido oferecer feedback do processo de ensino-aprendizagem ao professor. Portanto os intérpretes deveriam estar capacitados para trabalharem com diferentes conteúdos do ensino. De acordo com Quadros (2007) Se eles fossem atribuídos às responsabilidades com o ensino, eles deveriam ser professores, além de



serem intérpretes. Pois eles estariam assumindo função de professores, e não de intérpretes.

Ainda se podem levantar outros problemas que surgem em relação aos intérpretes em sala de aula. Por exemplo, o fato dos intérpretes interagirem com os professores pode levar um problema ético, pois é natural travar comentários a respeito dos alunos durante o intervalo. (QUADROS, 2007, pg.62)

Afirmando Quadros (2007), Desse modo geral, os intérpretes de língua de sinais da área da educação são recomendados redirecionar questionamentos dos alunos ao professor, pois desta forma o intérprete caracteriza o seu papel na intermediação, mesmo quando esse papel é alargado.

### **3 – OBJETIVO**

#### **3.1- Objetivo Geral**

Compreender e analisar a atuação do interprete educacional e o professor regente em turmas inclusivas de alunos surdos no ensino regular.

#### **3.2 Objetivo Específicos**

- Investigar as dificuldades que a escola enfrenta perante a surdez .
- Analisar o papel do Intérprete perante o aluno surdo e a sala regular.
- Identificar como e o trabalho do professor regente perante o aluno surdo.

## **4 – METODOLOGIA**

### **4.1 Fundamentação Teórica da Metodológica**

A pesquisa foi desenvolvida numa abordagem qualitativa, obtendo informação sobre a surdez no ensino regular, sendo entrevistada a diretora da escola.

Na pesquisa qualitativa, recolhemos informações sobre o sujeito que irá fazer parte da pesquisa, que possibilitarão fazer uma análise e chegar a uma conclusão da investigação.

### **4.2 Contexto da Pesquisa**

A pesquisa se deu numa escola da rede pública de ensino de Olímpia- SP. A escola é composta por quatro alas, correspondendo a 17 salas de aula, sendo, no período da manhã: 15 salas para Base Nacional Comum (BNC), 01 para o Atendimento Educacional Especializado (AEE), para atender alunos com necessidades especiais; uma sala de (TDAH) Atendimento de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (os alunos atendidos nessa sala são alunos da mesma escola e de outras escolas que vem para o atendimento). Há, ainda, uma quadra coberta em boas condições de uso e sua manutenção é realizada sempre que necessário, permitindo uma boa aula de educação física para os alunos.

### **4.3 Participantes**

Participou da pesquisa uma aluna com Deficiência Auditiva - matriculada no 4º ano do Ensino Fundamental regular, acompanhada por intérpretes e com atendimento no Atendimento Educacional Especializado (AEE), no contra turno escolar- e a Diretora da escola.

### **4.4 Materiais**

Os materiais utilizados foram: papel, caneta, impressora e questionário.

### **4.5 Instrumentos de construção de Dados**

A coleta de dados foram feitas através de entrevista semi-estruturada e observação.

### **4.6 Procedimentos de Construção de Dados**

Com objetivo de analisar a interação da aluna no contexto escolar e sala de aula, junto com os intérpretes, professor, colegas e Diretora, foi elaborado um questionário após assinatura de aceite institucional pela Diretora.

#### **4.7 Procedimentos de Análise de Dados**

Após os resultados obtidos através do questionário com a Diretora a, irei fazer uma reflexão sobre a adaptação da aluna surda no contexto escolar e as dificuldades encontradas na unidade escolar.

Para análise foram selecionadas algumas perguntas na qual a diretora relata sobre as dificuldades de comunicação com a aluna surda.

As investigações foram para analisar a adaptação da aluna surda com o interprete, professores e amigos no contexto escolar e também comunicação da mesma.

## 5 – RESULTADO E DISCUSSÃO

Foram elaboradas algumas perguntas na qual ela responde com toda sinceridade, focando sempre a importância do intérprete a preparação da escola, e as dificuldades encontradas perante esse aluno e falta de capacitação para a escola toda.

A seguir o questionário e as respostas da diretora da escola:

1- Como a escola preparou-se para receber a aluna surda?

*Diretora: Bem, na verdade a aluna chegou à escola há três anos através de transferência recebida matriculada na sala especial com mais três alunos da sala, porém até o momento não tínhamos convivido com essa situação, mas eles foram muito bem recebidos por todos da comunidade escolar.*

Segundo a resposta da Diretora a aluna foi bem acolhida na unidade escolar, entretanto não tinha nenhum conhecimento sobre deficiência auditiva, veio ater quando receberam a aluna na unidade escolar.

2 - Como é a comunicação da escola perante a aluna surda? Através de gestos, libras ou leitura labial?

*Diretora: Durante os dois primeiros anos a comunicação com a aluna era através de gestos e leitura labial, porém este ano ela deixou de participar da sala especial e está incluída em uma sala de ensino regular, com ajuda de professores auxiliares capacitados em libras e frequentando a sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) no contra turno, contribuindo assim na comunicação em libras.*

Percebe-se que a escola enfrenta grandes desafios na questão na comunicação, no primeiro momento ela relata a dificuldade de se comunicar, pois se comunicavam através de gestos e leitura labial, após a chegada dos intérpretes que a comunicação foi através de libras.

3- Houve palestra e preparação na escola ou nas salas de aula para professores e alunos ouvintes sobre as culturas e identidades dos surdos, antes da Inclusão da aluna?

*Diretora: Não, como eu já disse em perguntas anteriores, a sala especial foi*

*transferida para essa escola no início do ano de 2013 por determinação da Secretaria da Educação, porém todos os membros da comunidade escolar os receberam muito bem e aos poucos foram se adaptando as suas necessidades.*

Diante da resposta da Diretora a escola não teve nenhum preparado oferecido pela secretária da educação para receber a aluna surda, eles foram se adaptando junto com a aluna.

4-Quais são as principais dificuldades que a escola enfrenta diante da surdez?

*Diretora: Na verdade a maior dificuldade é falarmos normalmente a língua libras, pois infelizmente não somos capacitados, pois os professores auxiliares de libras oferecem essa língua diretamente à aluna.*

A escola relata que a dificuldade maior que eles enfrentam é a Libras, pois eles não têm conhecimento sobre essa língua, mas estão sempre em comunicação com os intérpretes e a professora da sala de recurso multifuncional- AEE.

5- Na sua opinião, a aluna surda acompanha o conteúdo da sala de aula?

*Diretora: Sim, dentro dos seus limites de aprendizagem, pois suas necessidades especiais vão além da deficiência auditiva.*

Diante da afirmação da Diretora a aluna consegue acompanhar normalmente os conteúdos da sala de aula, pois é uma aluna muito esforçada que consegue fazer da sua deficiência todos compreende-la.

6- As pessoas que atuam na gestão escolar tem algum conhecimento sobre a Língua Brasileira de Sinais ( LIBRAS)?

*Diretora: Sim, mas não o suficiente para uma comunicação adequada para o desenvolvimento da aprendizagem do educando, precisamos da ajuda dos interpretes ou nos comunicarmos por gestos ou ainda através da leitura labial.*

Segunda a Diretora ela relata que todos têm conhecimento sobre a língua de sinais, mas não o suficiente para se comunicar com a aluna, elas utilizam bastante os gestos e leitura labial, quando não consegue compreender a aluna vão até os interpretes para fazer a tradução.

Durante a entrevista com a Diretora, que mora na cidade de CAJOBÍ – SP, mas que trabalha efetiva da cidade de Olímpia há sete anos na Escola EMEB

Santo Antônio foram relatadas diversas situações, nas quais ela focou bastante a importância do intérprete na rede de ensino. Ela disse o seguinte:

*É muito importante o trabalho do intérprete para esses alunos, porém se eles não tiverem uma formação eficaz para ajudar esse aluno, nada adianta para o processo de ensino e aprendizagem.*

No segundo momento, foi feita a observação na sala regular junto com o intérprete, com o objetivo de observar o processo de inclusão dos alunos surdos.

Durante a observação da aluna surda na sala de aula com os intérpretes, pude observar que os mesmos tem domínio sobre a língua de sinal; eles conseguem transmitir para aluna os conteúdos que o professor está explicando. Foi possível notar que os intérpretes são pessoas capacitadas, estão sempre se comunicando com a aluna e o professor da sala.

Diante da fala da diretora, percebe-se que o papel do intérprete para os alunos que necessitam é valorizado; ela aponta a importância de uma formação que garanta um bom aprendizado para seus alunos e relata, também, que não adianta ter só o nome do intérprete e não saber trabalhar e traduzir essa língua.

## 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como foco pontuar a necessidade de avançar propostas que priorizem o respeito às diferenças com as crianças surdas e os intérpretes.

Durante a pesquisa, foram observadas algumas dificuldades encontradas por diretores e professores, entre as dificuldades encontradas e questionadas houve destaque à comunicação, pois, muitos não têm conhecimento sobre a LIBRAS, causando desconforto e despreparo perante a aluna.

Diante destas dificuldades, algumas experiências têm levado à criação de um código de ética específico para intérpretes de língua de sinais, onde é permitido oferecer *feedback* do processo de ensino-aprendizagem ao professor e intérprete.

Dessa forma qual forma percebe-se que ao optar por uma proposta de educação de surdo, estaremos admitindo que a educação esteja inserida no meio social e político de uma comunidade e assim deve ser encarada e respeitada.

Mas para isso acontecer há a necessidade de montar pequenos cursos que disponibiliza aos professores domínio ou aquisição de novas praticas e umas das práticas a Libras, quando se fala em inclusão de surdos, não significa colocá-lo numa sala de ensino sem preparo dos profissionais que atuam com eles, devemos respeitar suas diferenças e fazer e aprender a considerar suas especificidades.

A escola que tem aluno surdo antes de qualquer coisa precisa conhecer como esse aluno se comunica e o que acontece na vida social desse aluno ou sujeito surdo, dando ênfase, sobretudo na língua que ajuda o aluno a se comunicar, proporcionando realizações em todos os aspectos da vida. Se a escola e os profissionais não tiverem esse conhecimento sobre o aluno surdo, a aprendizagem ficará a desejar, tanto para aqueles que ensinam quando para aqueles tenta aprender.

Finalizando a pesquisa, dando ênfase na importância de ouvir os usuários do sistema educacional, para garantir uma aprendizagem capaz de atender todos com suas necessidades, consideramos que há muito, ainda, a conhecer sobre o processo educacional dos surdos. Através da entrevista com a diretora, percebemos que alguns profissionais estão conscientes sobre a importância do intérprete para o aluno surdo, pois, a escola tem que ser um



ambiente que favoreça a aprendizagem e o desenvolvimento de seus alunos, considerando as características da surdez.

No entanto a pesquisa nos faz entender que não basta que o aluno surdo aprenda a língua de sinais na escola. Esta nova língua tem que estar presente em todos os momentos de suas vidas, no seu cotidiano e, assim como para os ouvintes, os temas e conceitos abordados devem ser cada vez mais complexos e abstratos.

**REFERÊNCIAS**

- AZULAY, R. D. *De Moisés a Sabin: contribuição judaica à história da medicina*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001
- BORGES, A. R. **A inclusão de alunos surdos na escola regular**. *Revista Espaço*. Rio de Janeiro, v. 21, p. 63-68, 2004.
- QUADRO, R.M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa/ Secretaria de Educação Especial**; Brasília: MEC; SEESP, 2007.2 ed.94 p. II.
- CARVALHO, Paulo Vaz de. **Breve Historia dos Surdos no Mundo**, SurdUniverso; 2007.
- GUARINELLO, A.C. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdo**, Editora Plexus, Ed. 1 pg 152, 2007.
- KELMAN, C. A. **Aqui tudo é importante: Interações de alunos surdos com professores em espaço escolar inclusivo**. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília, 2005.
- LACERDA, C. B. F. **O intérprete de língua de sinais no contexto de uma sala de aula de alunos ouvintes: Problematizando a questão**. In: LACERDA, C. B. F.; GÓES, M. C. R. (Org.) *Surdez: processos educativos e subjetividade*. São Paulo: Lovise, 2000. p. 51-84.
- LACERDA, C. B. F. **Um pouco de história das diferentes abordagens na educação dos surdos**. Campinas: *Cadernos CEDES* v. 19, n. 46, 1998, p. 68-80.
- SALES, Heloisa M.M.L.et AL. **Ensino de Língua Portuguesa para Surdo**: Caminho para a Prática Pedagógica. Brasília. MEC, SEESP, 2007
- VYGOTSKI, L. S. **Fundamentos de Defectologia**. Obras Completas. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1989.

**APÊNDICES****Apêndice A - Questionário**

**1- Como a escola preparou-se para receber a aluna surda?**

.....  
.....  
.....  
.....  
.....

**2- Como é a comunicação da escola perante a aluna surda? Através de gestos, libras ou leitura labial?**

.....  
.....  
.....  
.....  
.....

**3- Houve palestra e preparação na escola ou nas salas de aula para professores e alunos ouvintes sobre as culturas e identidades dos surdos, antes da Inclusão da aluna?**

.....  
.....  
.....  
.....

**Quais são as principais dificuldades que a escola enfrenta diante da surdez?**

.....  
.....  
.....  
.....

**Na sua opinião, a aluna surda acompanha o conteúdo da sala de aula?**

.....  
.....  
.....  
.....

**4- As pessoas que atuam na gestão escolar tem algum conhecimento sobre a Língua Brasileira de Sinais ( LIBRAS)?**

.....  
.....  
.....  
.....

## ANEXOS

### Anexo A – Carta de Apresentação



Universidade de Brasília – UnB  
 Instituto de Psicologia – IP  
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS  
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

**Da: Universidade de Brasília– UnB/Universidade Aberta do Brasil – UAB**

**Polo:** \_\_\_\_\_

**Para: o(a): Ilmo(a). Sr(a). Diretor(a)** \_\_\_\_\_

**Instituição:** \_\_\_\_\_

#### Carta de Apresentação

Senhor (a), Diretor (a),

Estamos apresentando a V. S<sup>a</sup> o(a) cursista pós-graduando(a) \_\_\_\_\_ que está em processo de realização do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com professores, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desse trabalho tem como objetivo a formação continuada dos professores e profissionais da educação, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Desde já agradecemos e nos colocamos a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos no telefone: (061) 3107-6911.

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_  
 Coordenador(a) do Polo ou Professor(a)-Tutor(a) Presencial

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar: **Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Diva Albuquerque Maciel**

## Anexo B – Aceite Institucional



Universidade de Brasília – UnB  
 Instituto de Psicologia – IP  
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS  
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

### Aceite Institucional

O (A) Sr./Sra. \_\_\_\_\_ (*nome completo do responsável pela instituição*), da \_\_\_\_\_ (*nome da instituição*) está de acordo com a realização da pesquisa \_\_\_\_\_, de responsabilidade do(a) pesquisador(a) \_\_\_\_\_, aluna do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar no Instituto de Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano da Universidade de Brasília, realizado sob orientação da Prof. Doutor/Mestre. \_\_\_\_\_.

O estudo envolve a realização de \_\_\_\_\_ (*entrevistas, observações e filmagens etc*) do atendimento \_\_\_\_\_ (*local na instituição a ser pesquisado*) com \_\_\_\_\_ (*participantes da pesquisa*). A pesquisa terá a duração de \_\_\_\_\_ (*tempo de duração em dias*), com previsão de início em \_\_\_\_\_ e término em \_\_\_\_\_.

Eu, \_\_\_\_\_ (*nome completo do responsável pela instituição*), \_\_\_\_\_ (*cargo do(a) responsável do(a) nome completo da instituição onde os dados serão coletados*), declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

\_\_\_\_\_ (local), \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ (data).

\_\_\_\_\_  
 Nome do (a) responsável pela instituição

\_\_\_\_\_  
 Assinatura e carimbo do(a) responsável pela instituição

## Anexo C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

---

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor(a) Professor(a),

Sou orientando (a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre \_\_\_\_\_ . Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Esclareço que este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

A coleta de dados será realizada por meio de \_\_\_\_\_ (*explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.*)

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como \_\_\_\_\_ (*explicitar instrumentos de coleta de dados*), ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone \_\_\_\_\_ ou no endereço eletrônico \_\_\_\_\_. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

---

Assinatura do Pesquisador

---

Assinatura do Professor

Nome do Professor: \_\_\_\_\_

E-mail(opcional): \_\_\_\_\_